

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DO CORONEL MÁRIO CARDOZO.

GUIMARÃES, Francisco Salgado

Ano: 1989 | Número: 99

---

### Como citar este documento:

GUIMARÃES, Francisco Salgado, Comemorações do centenário do nascimento do coronel Mário Cardozo. *Revista de Guimarães*, 99 Jan.-Dez. 1989, p. 5-15.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



CORONEL MÁRIO CARDOZO

1889 — 1982

HOMENAGEM  
DA  
SOCIEDADE MARTINS SARMENTO  
NO  
CENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO

GUIMARÃES

1989

## Comemorações do Centenário do Nascimento do Coronel Mário Cardozo

Na passagem do centenário do nascimento do insigne arqueólogo Coronel Mário Cardozo, que durante mais de 40 anos foi Presidente da Sociedade Martins Sarmento, levou a efeito esta instituição uma série de iniciativas de homenagem à sua figura ímpar de arqueólogo e historiador.

Assim, no dia 8 de Dezembro de 1989, pelas 15 horas, perante numerosa e comovida assistência, procedeu-se ao descerramento de uma lápide evocativa, na casa onde Mário Cardozo nasceu, situada na Rua de Santa Maria, N.º 67, em Guimarães.

A lápide contém a seguinte inscrição:

NESTA CASA NASCEU EM  
1 DE MARÇO DE 1889  
CORONEL MÁRIO CARDOZO  
ARQUEÓLOGO E HISTORIADOR  
HOMENAGEM DA  
SOCIEDADE MARTINS SARMENTO



A lápide descerrada no prédio n.º 67 da Rua de St.ª Maria

Descerrou a lápide a filha do homenageado D. Maria João Marinho, tendo na altura o Presidente da Sociedade Martins Sarmiento, Dr. Francisco Príncipe, evocado, num sentido discurso, a figura do ilustre arqueólogo vimaranense.

Agradeceu, em nome da família do Coronel Mário Cardozo, seu genro o Sr. Jorge Marinho.

Em seguida, e no Salão Nobre da Sociedade Martins Sarmiento, o historiador Sr. Manuel Alves de Oliveira, Director do Arquivo Municipal, realizou uma brilhante conferência sobre a vida e obra do Coronel Mário Cardozo.

Ainda dentro dos actos comemorativos do Centenário de Mário Cardozo, editou a Sociedade Martins Sarmiento, patrocinada por OITO SÉCULOS, uma edição Fac-Símile do Foral de Guimarães, 1517. Sobre esta iniciativa nos referiremos no próximo número da Revista de Guimarães.

S. G.



O Presidente da Sociedade Martins Sarmiento, Dr. Francisco Príncipe, usando da palavra na cerimónia de descerramento da lápide.

## A actividade de Mário Cardozo na Sociedade Martins Sarmento

Manuel Alves de Oliveira

Quando Mário de Vasconcelos Cardozo nasceu, a 1 de Março de 1889, cujo centenário se está a comemorar, ainda Guimarães vivia a euforia bairrista proporcionada pela fundação da Sociedade Martins Sarmento, em 7 de Janeiro de 1882, a inauguração do caminho-de-ferro em 14 de Abril de 1884, a Exposição Industrial e Comercial nesse mesmo ano e a solene inauguração da estátua de D. Afonso Henriques no Largo de S. Francisco, em 20 de Outubro de 1887, com a presença de El-Rei D. Luís e de toda a Família Real.

Estava também em evidência a ilustre figura do vimaranense e distinto arqueólogo Dr. Francisco Martins de Gouveia Morais Sarmento, mais conhecido, abreviadamente, por Martins Sarmento, que nascera nesta cidade a 9 de Março de 1833 num prédio que se situava voltado para o Largo da Senhora da Guia, entre o Campo da Feira e a Rua das Hortas, hoje do Dr. José Sampaio, prédio que foi demolido por motivo das obras de urbanização realizadas naquela zona.

Martins Sarmento frequentara a Universidade de Coimbra, tendo terminado o curso de Direito em 1853, revelando, deste modo, uma «vivência e frescura de temperamento e de inteligência», como foi reconhecido por Virgílio Correia e os factos vieram confirmar.

Herdeiro de uma boa fortuna fixou residência nesta cidade após o falecimento de seus pais, que, habitualmente, residiam em Briteiros, e mandou construir a casa do Largo do Carmo, onde passou a morar e viria a falecer, reservando a casa solarenga de Briteiros para sua residência de Verão.

Martins Sarmento, na sua mocidade, começou por se dedicar ao culto das Letras e ao jornalismo, publicando em 1855 um livro de versos intitulado «Poesias», que, anos mais tarde, classificaria de «poemas abomináveis». A publicação desses poemas viria a originar uma polémica crítica do Padre Clemente José de Melo, abade da freguesia de Santo Tirso de Prazins, jornalista e notável pregador, que culminou com uma lamentável cena de pugilato, em pleno Toural, entre Martins Sarmento e o seu crítico.

Viria, depois, a dedicar-se aos estudos histórico-arqueológicos e foi o ressuscitador das ruínas da Citânia de Briteiros e das do Castro de Sabroso, seguindo-se-lhes um ciclo de estudos dos fragmentos encontrados que tor-

nou o seu nome conhecido em toda a Europa culta desse tempo. E os resultados obtidos dessas escavações impressionaram de tal maneira os especialistas da arqueologia que Sarmento resolveu convocar um colóquio que se realizou, precisamente, na Citânia, em 1877. Depois esses trabalhos e estudos tomaram tais proporções que acabaram por despertar a atenção, tanto de nacionais como de estrangeiros, e de tal modo que quando em 1880 se realizou em Lisboa o Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Histórica, do qual foi presidente D. Fernando II, marido de D. Maria II, uma grande parte dos congressistas quis ver e discutir os achados encontrados na Citânia e no Sabroso. Os resultados foram devesas concludentes, pois esses achados contribuíram para um mais profundo estudo de um período que, então, ainda era pouco conhecido, tendo um desses congressistas afirmado que «o fazer reviver Pompeia ou Tróia não tinha o mesmo interesse que o de mostrar uma povoação de um tipo inteiramente novo e pertencente a uma época ignorada.»

Martins Sarmento faleceu em 9 de Agosto des 1899 e foi sepultado, por sua determinação, no cemitério de Briteiros. Nessa altura e na oração que fez junto da sepultura, disse Ricardo Severo: «Toda a remotíssima vida do nosso Minho está condensada nessas duas estações de moldes característicos, no Castro de Sabroso e na Citânia de Briteiros. Cumpre proteger desveladamente, por todos os meios possíveis, estes padrões de antiquíssima história, que serão sempre os únicos e mais grandiosos monumentos à memória do muito ilustre historiador e patriota».

\*

\* \*

Nesse ano de 1899 contava Mário Cardoso 10 anos de idade e deveria estar a frequentar a escola primária. Quem, nessa altura, poderia supor que ele viria, 26 anos depois, a ser o continuador da obra iniciada por Martins Sarmento e a corresponder, com todo o entusiasmo, ao apelo feito por Ricardo Severo junto da sepultura do sábio arqueólogo?

Passando, depois, pelo Liceu de Guimarães, Mário Cardozo foi frequentar o curso da Arma de Infantaria na antiga Escola de Guerra, sendo promovido a alferes em 1914, ano em que teve início a primeira Grande Guerra. Nessa altura já Mário Cardozo se encontrava em serviço no Regimento de Infantaria 20, designado do Infante D. Manuel, que fora criado para satisfazer as aspirações vimaranenses. As circunstâncias da guerra e suas conse-

quências levaram à mobilização das nossas tropas para a defesa do nosso Ultramar, para o que Mário Cardozo foi mobilizado, tendo tomado parte nas campanhas do Sul de Angola, de 1914 a 1915, e nas de Moçambique, logo a seguir entre 1916-1918.

Cumprido o seu dever de militar ao serviço de Portugal e regressado à terra natal, Mário Cardozo inscreveu-se sócio da Sociedade Martins Sarmiento, em 1921, e em 1925 passou a fazer parte dos corpos directivos como secretário-geral da Direcção, passando a exercer o cargo de presidente, para que fora eleito, em 1932.

Quando tomou posse desse cargo, precisamente a 1 de Abril, dirigiu aos seus colaboradores as seguintes palavras: «...Aqui estou no entanto, já que assim o querem. Farei o que puder e souber dentro das minhas atribuições e nisso porei toda a minha boa vontade e todo o meu esforço». E logo na primeira sessão afirmou aos seus colegas: «O que nós aqui temos a realizar é uma obra comum de interesse comum. Poremos portanto de parte a preocupação de qualquer destaque pessoal. A Direcção é una e solidária. Trabalhe cada um de nós incansavelmente, dentro das suas atribuições sem desconfiança e sem opiniões reservadas, porque ao fim do nosso mandato, temos certamente realizado uma obra, que poderá não ser de um brilho ofuscante quantas vezes falso e enganador, mas será honesta, digna e útil para esta instituição de tão belas tradições, sem dúvida, a primeira do seu género no Norte de Portugal.»

No Verão desse ano de 1932 empreendeu uma visita de estudo a terras de Espanha, tendo visitado Tuy, La Guardia, Pontevedra, S. Tiago de Compostela, Corunha, Orense, Zamora, Salamanca, Ávila, Guadalajara, as ruínas de Numância e Burgos. Dos castros que visitou salientou num postal ilustrado que escreveu ao seu dedicado colega na Sociedade Martins Sarmiento, que se veio a revelar um dia o Etnógrafo, Alberto Vieira Braga: «nenhum deles chega aos calcanhares da nossa bela Citânia. Museus, poucos e insignificantes, excepto o de Madrid que é esplêndido.»

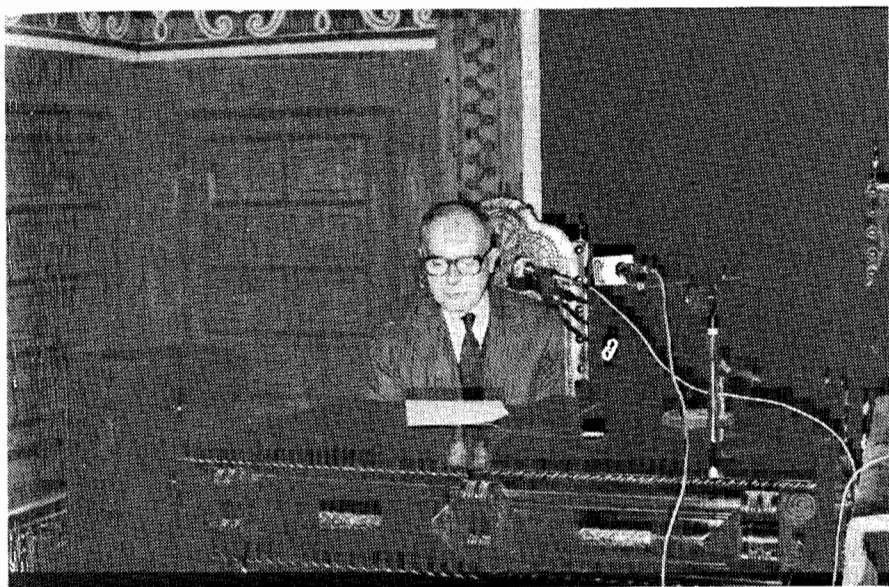
O espírito renovador de Mário Cardozo voltou a manifestar-se quando, pela segunda vez, foi eleito presidente da Instituição, tendo então expressado «pretender reformar a Sociedade Martins Sarmiento, criar nela uma secção expressamente dedicada a assuntos científicos, reorganizar os serviços, designadamente os da biblioteca, e actualizá-los».

No cumprimento do que havia prometido, procurou, em 1934, continuar as obras da sede. A razão desse desejo foi assim justificada por ele:

«Em 1899 havia falecido Martins Sarmiento, e, nas suas disposições tes-

tamentárias, legara à Sociedade, além da sua casa residencial, do Largo do Carmo (que aliás só à morte de outros herdeiros ficaria pertencendo à Instituição), a sua preciosa biblioteca erudita e as notáveis colecções arqueológicas que já quatro anos antes lhe havia entregue —, uma propriedade em Briteiros.

Na posse dessa propriedade, resolveu a Direcção, em 1905, hipotecá-la ao Banco de Portugal e levantar por esse meio a importância necessária à continuação das obras. Pouco depois fazia também a Sociedade uma emissão de 100 títulos de 50 000 réis cada um, amortizáveis em 20 anos, que,



O historiador Sr. Manuel Alves de Oliveira apresentando a sua conferência sobre a vida e obra do Coronel Mário Cardozo

num acto de desinteressada benemerência, foram todas tomadas pelo falecido industrial vimaranense e sócio da Colectividade, António da Costa Guimarães», acrescentando: «E em 9 de Março de 1907 inaugurava-se o salão nobre! A obra da fachada, ostentando ricas cantarias e decorações de pintura a fresco pelo falecido Artista vimaranense Abel Cardozo, bem como a construção do salão, custara tudo 11 contos, que na hora actual nos parece insignificante em relação ao vulto com ela realizado! Depois os trabalhos pararam por completo, durante 20 anos consecutivos!».

Eram estas as deficientes instalações que Mário Cardozo encontrou ao tomar posse do cargo, para que fora eleito, de Presidente da Sociedade.

Em 1933 foi organizado o programa para as condignas comemorações do centenário de nascimento de Martins Sarmento, ano em que também foi inaugurado o busto do sábio arqueólogo no Largo que hoje tem o seu nome.

Precisamente nesse mesmo ano a Sociedade foi visitada por um grupo de estudantes ultramarinos, a quem Mário Cardozo dirigiu estas patrióticas palavras: «Por lá trabalhei, lutei e sofri. Não tenho, portanto, um simples conhecimento das duas maiores parcelas do Império Colonial Português, mas sim uma recordação imperecível, viva e profunda, como a deveriam ter todos os portugueses a quem o País confiou a missão de defender pelas armas a integridade deste vasto Império. É pois com íntimo júbilo, com sincera emoção e com especial affecto, que hoje tenho a honra de receber, nesta região da minha terra, os estudantes de Portugal de Além, desses domínios de vastidão assombrosa, de exuberante riqueza e de inexcédível encanto que um dia percorri, e cuja lembrança deslumbrada jamais se apagará do meu espírito.»

Porém, em 1935, teve Mário Cardozo de frequentar a Escola Prática de Infantaria, em Mafra. Nesse mesmo ano ainda saiu o «Catálogo do Museu — 1.ª parte. — Secção Lapidar e de Escultura» e foi organizado o volume de «Homenagem a Martins Sarmento». Como se verifica, apesar da sua forçada ausência da direcção, procurava, a largos e seguros passos, subir o nível da Sociedade, actualizando-a e equilibrando-a com as mais avançadas das suas congéneres em organização e eficiência. A sua permanência em Mafra, com uns pequenos períodos de visita a Guimarães, durou até 1938. Em Maio desse ano deslocou-se Mário Cardozo a Berlim, em visita de estudo aos Museus dessa cidade, capital da Alemanha.

Em Janeiro de 1939 passou à Escola Central de Officiais, em Caxias. Foi então que aproveitou pôr-se em contacto com o Ministro das Obras Públicas, que era o Eng.º Duarte Pacheco, para lhe solicitar uma participação para o prosseguimento das obras da sede, interrompidas a partir de 1907, de que obteve deferimento. Desta maneira e com as possibilidades da própria Instituição, que, nessa altura, já podia dispor dos bens que lhe foram legados pela viúva de Martins Sarmento, e a colaboração gratuita do Architecto José Marques da Silva, autor do primitivo projecto, foi possível inaugurar, em 1954, a ala norte do edificio. Deste modo, e 30 anos depois, estava satisfeita uma parte das aspirações de Mário Cardozo.

Colocado em 1943 no Batalhão de Caçadores 3, aquartelado em Chaves, não arrefeceu o seu apego e o seu interesse pela vida da Instituição, tendo encontrado em Alberto Vieira Braga, que dirigia a «Revista de Guimarães», um dedicado colaborador e amigo com quem Mário Cardozo manteve, durante as suas ausências, larga correspondência.

No entanto e durante um pequeno período da sua permanência em Chaves, foi a direcção da Sociedade confiada ao Sr. Augusto Cunha, em 1943, e a outro dedicado vimaranense, distinto advogado e primoroso escritor Dr. Eduardo d'Almeida, em 1946.

Enquanto esteve na direcção da Sociedade publicou em 1930 o «Guia da Citânia e Sabroso», que tem tido várias edições, e em 1933, além do volume «Homenagem a Martins Sarmento», edição que foi subsidiada pelo Ministério da Instrução Pública, foi igualmente publicado o dos «Dispersos de Martins Sarmento», este editado pela Imprensa da Universidade de Coimbra. Em 1935 saiu o «Catálogo do Museu — 1.ª parte — Secção Lapidar e de Escultura», e, no ano seguinte, o da Secção de Arte e Etnografia. Em 1940 organizou o volume especial da «Revista de Guimarães», comemorativo do Centenário da Fundação e da Restauração de Portugal.

Em 1946, já com o posto de Coronel, foi nomeado comandante do Regimento de Infantaria 8, de Braga, tendo então solicitado a sua passagem à reserva.

Livre da vida militar, Mário Cardozo voltou à direcção da Sociedade, em 1947, sucedendo ao Dr. Eduardo d'Almeida, e nessa ocasião também eu fui eleito, pela primeira vez, para secretário-geral, cargo que desempenhei, sucessivamente, até 1970. Logo nesse ano Mário Cardozo se deu à tarefa de organizar e publicar a «Correspondência epistolar entre Emílio Hubner e Martins Sarmento», que acompanhou de notas e comentários seus que se tornavam indispensáveis a uma melhor compreensão das razões e do conteúdo dessas cartas.

Em 1953 foi a vez da publicação do «Catálogo da Exposição Bibliográfica de Autores Vimaranenses», no qual teve a colaboração valiosa do etnógrafo e seu colega na direcção, Alberto Vieira Braga, e o da «Exposição Histórica da Cidade». As duas Exposições foram feitas nas salas da Sociedade.

Em 1954 foi comemorado o centenário da elevação da então vila de Guimarães a cidade, e publicado o «Livro de Ouro» respeitante a essa histórica efeméride, em edição da Câmara Municipal.

Mas a sua actividade cultural dentro da Sociedade Martins Sarmento não ficou por aqui. Seis anos depois, isto é, em 1960, publicavam-se as

«cartas de Ricardo Severo para Martins Sarmiento», também com as indispensáveis anotações de Mário Cardozo; em 1961 publicou-se um opúsculo comemorativo da inauguração da estátua do Conde de Arnoso, outro vimaranense ilustre, e em 1967 o «Testamento de Mumadona», documento valioso que Alexandre Herculano arrolou e se encontra na Torre do Tombo, em Lisboa.

Além de toda esta notável actividade, Mário Cardozo tinha tomado novo interesse pela definitiva conclusão das obras da sede da Sociedade que de novo se encontravam suspensas, requerendo ao então Ministro das Obras Públicas, Professor Engenheiro Eduardo Arantes e Oliveira, que tanto se interessou pela realização de várias obras que engrandeceram esta cidade, uma boa participação para esse fim, para o que também diligenciou o concurso da Fundação Calouste Gulbenkian, por intermédio do Sr. Dr. José de Azeredo Perdigão, Presidente activo do Conselho de Administração, solicitações estas coroadas de tão bons resultados e prontamente deferidas, que, em 17 de Junho de 1967, puderam ser festivamente inauguradas com a distinta presença do Presidente da República, Senhor Almirante Américo Tomaz.

Se os fundadores da Sociedade Martins Sarmiento, como o seu sábio patrono, se tornaram grandes ao imaginarem-na e criarem-na, Mário Cardozo tornou-se um digno continuador desses homens entusiastas na maneira recta, firme, decidida e inteligente como conduziu e orientou a Instituição durante o período em que esteve à frente dos seus destinos.

Em 1970, na «Revista de Guimarães», iniciou a publicação dos apontamentos de arqueologia que Martins Sarmiento reunira em seis cadernos manuscritos, num total de 778 páginas, a que dera o título de «ANTI-QVA», nos quais descreveu as pesquisas a que havia procedido entre os rios Minho e Douro, que ele, infelizmente, já não pôde continuar por ter renunciado ao cargo de Presidente em 1972, por motivo da sua avançada idade, vindo a falecer em 15 de Junho de 1982.

Coube ao actual membro da Sociedade, Sr. Salgado Guimarães, a continuação da publicação de «ANTIQVA» por ele reiniciada em 1976, na «Revista de Guimarães», pelo que lhe queremos dirigir as nossas felicitações. O início da publicação foi, por assim dizer, um digno remate da acção cultural desenvolvida na Sociedade pelo Coronel Mário Cardozo.

Por tudo quanto palidamente deixamos referido constituiu um acto de inteira justiça a homenagem que em 30 de Junho de 1972 lhe foi devidamente prestada com a concessão, pela Câmara Municipal, que era presi-

dida pelo actual membro da Direcção Dr. Araújo Abreu, da Medalha de Ouro da Cidade, e da Comenda da Ordem do Infante D. Henrique com que o Chefe de Estado o quis distinguir e lhe foi entregue pelo Senhor Professor Veiga Simão, que exercia, ao tempo, as funções de Ministro da Educação Nacional e, nas palavras que dirigiu ao homenageado, o considerou um «obreiro singular da Cultura, Patrono de Arqueólogos, Homem ligado às ruas, às igrejas e aos monumentos deste concelho, Cientista de reputação internacional, arqueólogo, etnógrafo de mérito», concluindo: «Mercede, pois, um louvor público em nome de Sua Excelência o Presidente da República. Tenho o prazer de lhe entregar a Comenda da Ordem do Infante, prestando assim a Nação a homenagem que lhe é devida».

Posto isto, que mais é preciso dizer sobre a personalidade distinta do vimaranense ilustre cujo centenário do nascimento tem estado a ser comemorado, e que durante largos anos esteve à frente dos destinos da presente Colectividade à qual deu o melhor do seu esforço generoso e benemérito e da sua incansável e reconhecida dedicação?